



ASSUMIR

BOLETIM NACIONAL DA ACO

Ano XII — Janeiro a Abril/91 — Nº 28

NATAL é PARTILHA



QUE PENSA DO ENTENDIMENTO NACIONAL
EM DISCUSSÃO?

ADQUIRA, LEIA E DIVULGUE
"RESISTINDO À DITADURA", 5º CADERNO DA
HISTÓRIA DA CLASSE OPERÁRIA NO BRASIL
(1964 a 1978)

ASSUMIR

(Distribuição Interna)

BOLETIM FORMATIVO
E INFORMATIVO
DA ACO

VINCULADA
AO SETOR LEIGOS
LINHA I – CNBB

ENDEREÇO
PARA PEDIDOS.
AÇÃO CATÓLICA OPERÁRIA
Rua Van Erven, 26 – Catumbi
20.211 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (021) 242-7732

Composição e Arte-Final
Alpha Publicidade Ltda.
Tel.: 220-2030



LEIA, REFLITA E DIVULGUE

ÍNDICE

- Editorial
- Natal 90 e a Geração do Silêncio
José Gatelier
- ACO: o que é?
Sônia M. Bulhões Miranda
- Entrevista com Valdir, presidente
do Sindicato da Construção Civil
de Mogi das Cruzes.
- Entrevista com Wagner Barcelos,
presidente do Sindicato dos Meta-
lúrgicos de Volta Redonda, RJ.
- Inflação Apesar do Plano Collor
- A ACO e a Campanha da Fra-
ternidade
Carmem Jardineiro
- Carta da ACO à Comissão da
CF-91 da CNBB.
- Solidários na dignidade do tra-
balho
Cleuza e Paulinho
- São José dos Campos: Um Povo
em Luta pela Justiça
- RVO dos Liberados
- A Assembléia do CNL
- Cartas
José Gatelier
- Notícias do Moac

Renove assinatura do Assumir
para 1991. O Assumir é instrumento
de conscientização. Incentive outros
a assinar.

Utilize as publicações da ACO
para sua formação.

Veja na 4ª capa a lista dos livros
e faça seu pedido, pagando em segui-
da por reembolso postal.



EDITORIAL

Neste ASSUMIR, a reflexão de Gatelier sobre "Natal e a Geração do Silêncio" nos lembra o compromisso de descer do muro e trabalhar na organização de grupos novos para a ACO.

Duas entrevistas com os presidentes dos sindicatos da Construção Civil de Mogi das Cruzes (SP) e dos Metalúrgicos de Volta Redonda nos introduzem na discussão de participar ou não do pacto do entendimento nacional. A matéria "Inflação apesar do Plano Collor" fornece aos militantes elementos necessários ao seu conhecimento para melhor qualificação de suas lutas.

ACO: o que é? E as reflexões sobre Fraternidade e Trabalho, tema da CF 91, nos lembram nosso compromisso como Movimento e nossa participação em conjunto na missão da Igreja. A experiência da ACO de S. José dos Campos, as mensagens no cantinho das cartas, as notícias das "Conversações" latino-americanas no Chile, trazem vida e abrem horizontes novos de relacionamento na ACO.

Por fim uma novidade: "Resistindo à Ditadura", 5º Caderno da História da Classe Operária do Brasil, já está sendo impresso. Para o Natal estará à sua disposição no Secretariado Nacional. É um primor e tem o autêntico sabor de ser a verdadeira história do Brasil neste trágico período entre 1964 e 1978 do ponto de vista dos trabalhadores.

História do Povo de Deus, vol 2 que abrange o período do exílio até o fim dos Macabeus, pelo ano 150 a.C, é outro livro muito esperado.

O lançamento dos dois está sendo planejado para o fim de fevereiro de 1991. Em todas as cidades onde há ACO, pedimos empenho no sentido de programar o lançamento local. É talvez uma boa maneira de divulgar estes e outros livros da ACO e tornar o Movimento conhecido.



NATAL 90 E A GERAÇÃO DO SILÊNCIO

José Gatelier

O fato aconteceu em Goiânia este ano:

Pela primeira vez, a convite da ACO, um grupo de 8 trabalhadores quase todos jovens, se encontrava reunido para partilhar a realidade da vida no dia-a-dia do serviço, do desemprego, em casa, etc.

No *VER* da reunião, houve uma acumulação de situações de exploração, de miséria, de medo. Depois de um certo silêncio, uma moça falou: *"Nós somos filhos da geração do silêncio."* Silêncio em casa por medo de apanhar; silêncio na sociedade por medo da repressão. A época dos torturados não está tão longe.

Esse medo gera desconfiança. Medo de bagunça. . . medo de estar na lista negra. . . medo de passar fome. . . medo de ser gente.

Escrevendo essas linhas na ocasião de mais um Natal. . . Natal 90, estou meditando essas palavras da companheira de Goiânia.

Será que o menino de Belém não fez parte da geração do silêncio?

Diante do Poder: religioso, econômico, político, nacional e estrangeiro não teria sofrido a mesma opressão diante dos Saduceus, Fariseus, Herodianos, Romanos? Estes eram gente de briga entre si, mas afinal todos unidos para explorar o povo.

Como escapar, por exemplo, de ir até Belém se registrar, uma vez que essa era a vontade do Senhor Imperador de Roma?!!

Mas o silêncio foi quebrado

"Não temais, pois vos anuncio uma grande alegria que é para todo o povo; nasceu-vos hoje um Salvador." (Lucas 2,10)

E os pobres foram até o lugar ver o menino. Atrás deles vinham visitantes até de fora: os Magos e outros.

Voltemos agora para os nossos

amigos de Goiânia. Na reflexão seguinte, um rapaz expressa:

"A injustiça no nosso dia a dia pesa muito, mas se a gente percebesse a nossa força, . . . temos que acreditar em nós mesmos".

Está aí exatamente a Confiança de Deus para o Povo.

Deus acredita nas camadas e categorias de povo: comerciários, lavadeiras, metalúrgicos, professores e pedreiros, desempregados, faxineiras e costureiras. Com uma condição no entanto: que aceitem se levantar para vir VER. . . e depois atuar em favor de todos os meninos, filhos e filhas de tantos silêncios.

Graças a Deus a vida vai para frente. Escutemos:

"Numa reunião de professores, a diretora fala: escola não é lugar de

luta de classes. . . Todo mundo fica calado, mas apenas se entreolham e sentem vontade de falar."

"Só você pensa nos outros grita o gerente. "Se pensasse só em mim não faria duas horas extras cada dia", responde o jovem funcionário.

Este mesmo grupinho de Goiânia avaliou em revisão de vida as atitudes dos professores e o trabalho de boca de urna das últimas eleições. Os nossos jovens companheiros não ficaram em cima da muralha das lamentações. . . mas souberam arcar com a realidade para gerar mais vida.

Fatos como estes fazem tremer de alegria os velhos militantes da ACO, e dizem mesmo que o menino no presépio está sorrindo.

Sorrir já é quebrar o silêncio.

Bom Natal – Feliz Ano Novo

ACO: O QUE É?

Sônia M. Bulhês Miranda

Esta é uma pergunta que é feita freqüentemente aos militantes da ACO, quando estão representando a entidade em encontros afins ou mesmo nos engajamentos. Alguns chegam a confundir ACO com tendência política. Embora seja uma entidade de Igreja, esta pergunta aparece justamente dentro da própria Igreja.

Pois bem! A Ação Católica Operária (ACO) é um movimento de trabalhadores cristãos, participando das organizações operárias e populares. Constitui-se de homens e mulheres de diversas categorias profissionais. É organizada e dirigida pelos próprios trabalhadores em todos os níveis: local, regional, nacional. O que dá um caráter de autonomia ao

movimento. Não é um movimento para a classe trabalhadora, mas sim de dentro da classe trabalhadora.

O que é fundamental na ACO é a sua fidelidade à classe operária e a Jesus Cristo. Tal fidelidade determina as características e a **MISSÃO** do MOVIMENTO. "Nossa Missão nasce da Fé Consciente e da descoberta das dificuldades e opressão em que vive toda classe operária. Nesta realidade descobrimos os apelos de Deus que nos desafiam a seguir JESUS CRISTO na sua Missão Libertadora. Busca assim, a transformação das pessoas e das Estruturas opressoras e o Anúncio de uma Sociedade Fraterna".



MISSÃO ESPECÍFICA DA ACO

A ACO ajuda os trabalhadores:

- a descobrir que pertencem à classe trabalhadora;
- a acreditar no seu próprio valor como trabalhador e pessoa humana na construção do mundo;
- a desenvolver a solidariedade;
- a organizar-se para conseguir justiça por meio de sua ação nos engajamentos.

Compromete o militante com sua causa coletiva e de classe segundo as exigências do Evangelho.

Forma lideranças operárias para assumir a luta de mudanças da sociedade, onde o homem será o centro com todas as suas dimensões respeitadas.

É presença de Igreja na classe operária.

Contribui para que a Igreja no seu conjunto, realize sua missão, profética de denúncia das injustiças e anúncio da vida nova que está surgindo.

Reaviva a Esperança nos momentos mais difíceis para a classe, através do testemunho e engajamento.

REVELA JESUS CRISTO RESSUSCITADO

Proporciona aos militantes engajados uma reflexão que os ajude em sua própria transformação e crescimento no compromisso com a classe e a fé.

Celebra as lutas, vitórias e derrotas da classe trabalhadora.

ONDE SE REALIZA A MISSÃO DA ACO

A vida do trabalhador não pode ser dividida em partes. Somos operários na família, no trabalho, no bairro e movimentos populares, no sindicato e na política partidária. A consciência de classe e o compromisso com ela, acompanha toda nossa vida, como também as exigên-

cias de nossa fé. Por isso, nenhum desses setores da nossa vida fica excluído.

COMO A ACO FORMA

A formação dos seus militantes tem como ponto de partida a própria realidade dos trabalhadores. Isso se dá por meio da ação-reflexão-ação utilizando o método VER — JULGAR — AGIR. Há a prática da revisão de vida da ação, revisão essa que é um instrumento de formação. O método Ver — Julgar — Agir aplicado nos aspectos econômico-social-político, ideológico numa dimensão de fé, levando em conta o conhecimento da natureza humana dos militantes, é uma característica marcante da ACO. Há uma preocupação de não "queimarem-se as etapas" na caminhada da formação.

Há também a cotização que os militantes têm a responsabilidade de destinar 1% do salário e a preocupação de difundir mais a mística da cotização. No mês de maio cotiza-se com o valor igual a um dia de salário, comemorando assim o Dia Nacional da ACO, que é o 1.º de maio. Há um esforço para se conseguir o auto-financiamento que é condição essencial para a liberdade e autonomia do movimento.

A ACO está organizada em Regiões: Nordeste 1 (Pará, Maranhão, Piauí e Ceará), Nordeste 2 (Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas), Nordeste 3 (Sergipe e Bahia), Região de Minas Gerais; Região do Rio de Janeiro; Região de São Paulo e Região do Rio Grande do Sul.

Está organizada em equipes de base, equipes de cidade, equipes regionais e nacional.

A Coordenação Nacional e o Conselho de Nacional (esse consultivo e deliberativo) são renovados em Congresso Nacional de 4 em 4 anos.

Conta com Assistentes religiosos e a Coordenação eleita, por sua vez, elege a equipe executiva composta de Secretário Geral, Secretário Adjunto, Tesoureiro e Tesoureiro Adjunto, mais o Assistente Nacional. Esta se reúne mensalmente.

A ACO não é uma pastoral, é um movimento. Relaciona-se amplamente com outros movimentos e organizações populares e com as instituições eclesiais. Está filiada ao Moac — Movimento Operário de Ação Católica — e ao MMTC — Movimento Mundial dos Trabalhadores Cristãos, por meio do qual se liga aos trabalhadores do mundo inteiro.

A ACO está vinculada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) pelo Conselho Nacional dos Leigos (CNL). Está entrosada com as Igrejas locais e Comunidades Eclesiais de Base através da participação de seus militantes.

Resumindo a ACO é isto, além de ser filha da JOC — Juventude Operária Católica —, e, de certa forma, mãe da Pastoral Operária — PO.

(Fonte de subsídios: publicação MISSÃO E PEDAGÓGICA da ACO).

DEBATE SINDICAL



Entrevista com Wagner Barcelos, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda. (Realizada em outubro de 1990 por Jota e Vanderleia)

ASSUMIR: Você é a favor da participação da CUT neste "entendimento nacional"?

Wagner: Sou contra.

Uma coisa é o Jair Meneguelli, que é o presidente da CUT, ir ao presidente Collor e entregar as reivindicações dos trabalhadores; são 13 pontos. Ele deve entregar ao presidente da república, deve entregar ao presidente da CNI (Confederação Nacional da Indústria), deve entregar ao Congresso Nacional e deve entregar ao judiciário a pauta de reivindicações. Outra é entregar para que se oficialize uma decisão tirada em plenárias da CUT, que decidiram por esses pontos de reivindicações.

Agora, outra coisa é participar de mecanismos no sentido de fazer

o pacto social. Nós não podemos transportar uma realidade européia, da Itália, Espanha, Portugal, para o Brasil.

Nós não temos uma previdência social que funcione. Nós temos o salário mínimo mais baixo, talvez, do planeta. Mais baixo do que o da Argentina, do que o da Venezuela, do que o da Bolívia. Nós temos uma taxa de mortalidade infantil absurda. Comparada a do Sri Lanka. Nós temos o desamparo total à velhice. Há falta de escola, falta de saneamento básico.

Não dá para se fazer um "pacto de Moncloa", como foi feito na Espanha e trazer para o Brasil.

Primeiramente o governo tem

que se mostrar disposto ao entendimento nacional.

Como é que o governo tem que se mostrar disposto ao entendimento nacional?

Fazendo o salário mínimo caminhar para o seu valor real. Organizando a sociedade de tal forma que o salário mínimo possa chegar ao valor real.

Como o próprio DIEESE diz, se a gente hoje triplicasse o valor do salário mínimo, faltaria carne, faltaria arroz, faltaria feijão na mesa do trabalhador porque não teria o que comprar. A produção brasileira é feita para exportação.

ASSUMIR: Quais são as consequências que você vê neste fato para os trabalhadores e para o sindicalismo no Brasil?

Wagner: Olha eu tenho uma grande preocupação. Primeiro porque os trabalhadores são favoráveis a que haja entendimento.

Os trabalhadores ficam desesperados, ficam também angustiados quando têm que fazer uma greve pa-

ra repor salário. Os trabalhadores ficam angustiados quando recebem a carta de demissão. Então eles querem o entendimento. E nós também da direção do movimento queremos o entendimento.

Agora, aí é que entra a nossa tarefa como direção. Explicar aos trabalhadores porque não dá para sentar à mesa com o governo. Não

basta dizer que nós, de uma certa forma, temos que parar de fazer a política só do não. Não! não! não! não! Realmente isso é correto. Nós temos que apresentar propostas. As propostas nós estamos apresentando, são os 13 pontos. Valor real do salário mínimo, a reforma agrária, a reposição de todas as perdas salariais e mais 10 reivindicações. Nós estamos apresentando.

Agora, o importante é que seja feito um trabalho político. Os sindicatos têm essa tarefa, as Associações têm essa tarefa, de fazer um trabalho político junto à população para que ela entenda porque que não dá para sentar a uma mesa em que você só tem a levar desvantagem.

Então, qual a consequência disso é a seguinte: o fato de não sentar à mesa para fazer um pacto aumenta a responsabilidade das direções sindicais, das direções do movimento social desse país, que é politizar essa discussão junto a população. Porque se a gente deixar o governo sai como bonzinho e os trabalhadores que estão perdendo, a CUT que está caminhando corretamente sai como ruim frente a propaganda que o governo vai desencadear contra a CUT.

E tem feito isso, afastando dirigentes de fábrica.

As direções sindicais, a maioria delas, tão todas fora das fábricas.

As nossas greves são, a maioria, julgadas ilegais, abusivas. Os trabalhadores estão sendo demitidos.

Ele vai fazendo essa campanha de que lutar não vale a pena. E se a

gente não abrir os olhos, e não trabalhar muito para isso, a gente tende a sofrer muito com essa batalha.

Então, necessariamente tem que haver uma reorganização desse país em que haja ganho de salários reais. Em que o governo brasileiro reponha pelo menos a inflação nos salários. Os salários hoje valem um terço do que valiam em outubro do ano passado (1989). Então, não dá para falar em pacto social. Não dá para sentar à mesa e determinar que a indústria vai crescer 2%, que a indústria vai investir em tal área, que vamos ter não sei quantos mil empregos novos, quando o salário tá na faixa de 6 mil cruzeiros e o aposentado não recebe em dia sua pensão, quando os programas de leite são feitos no país para não funcionar, são artifícios de candidatos da direita para poder ganhar votos, quando tem milhões e milhões de crianças sem direito a escola.

Então a discussão da CUT é correta quando ela diz que o pacto social tem que vir primeiro com o governo repondo aos trabalhadores aquilo que ele tirou.

Ele tirou dos trabalhadores; repôs, aí nós podemos até começar a conversar.

Mas se não há essa reposição nós vamos participar de uma briga, nós vamos participar de um pacto como se fôssemos dois gladiadores (isso é importante porque Don Waldir falou tempos atrás na nossa greve) em que o primeiro, o mais forte, chega para o mais fraco e diz assim: "joga a sua espada no chão e vamos continuar lutando".

Então, essa situação nós não podemos compactuar com ela. Nós não podemos pactuar com o governo nesse sentido.

ASSUMIR: Então você seria a favor se houvesse realmente o interesse do presidente da república para negociações que realmente favorecessem a classe trabalhadora?

Wagner: Num pacto, num entendimento, tem que haver interesse de ambas as partes. E da parte do trabalhador já tem sido demonstrado interesse: nós trabalhamos; nós produzimos; nós construímos riqueza para exportar; nós produzimos aço na CSN que é vendido a preço barato, mas batemos record de produção.

Hoje temos o nosso salário sendo arrojado, temos o nosso emprego sendo tirado, temos o aposentado morrendo de fome nas filas do INPS e temos o salário corroído no valor de um terço do ano passado. Então não dá para falar em pacto em que só uma parte cede e a outra não cede.

É importante essa tarefa que vocês tão fazendo aqui do ASSUMIR, é importante porque vai passar para outras pessoas, vai passar para a opinião pública, a nível nacional, essa discussão. Porque ela não é discussão central no movimento sindical hoje.

ASSUMIR: Que caminhos você aponta para a libertação da classe trabalhadora a curto e a médio prazos?

Wagner: A curto prazo nós temos que combater a propaganda do governo. Propaganda de que trouxe crescimento, de que resolveu o problema dos aposentados, de que re-

solveu o problema do trabalhador, de que com o fato de não pagar salário ele está na verdade tentando melhorar o país. Não, nós temos que deixar claro para o povo brasileiro, temos que desmistificar esse governo, de que ele é um governo salvador da pátria. Não é verdade. Ele é um governo que vem repetir os erros, repetir os mesmos programas de governos anteriores, só que de uma forma mais competente. Utilizando mais fortemente os meios de propaganda. Utilizando mais a sua máquina com uma linguagem diferenciada. Eu acho que a CUT nesse momento, a CUT e as forças populares, tem uma tarefa a curto prazo de fazer um trabalho muito grande, muito bem unificado, de desmistificação desse governo. Essa é a primeira questão. Você tem que desvestir o defunto.

E a médio e longo prazos eu acho que está colocado para os trabalhadores o retorno, voltar a fortalecer a organização dos trabalhadores, seja na fábrica, na formação sindical, fortalecer a organização interna dos trabalhadores, seja por bairro, seja por setor, seja por grupos, de comércio, rodoviários.

Esse esforço de organização interna tem que estar ligado com o trabalho de politização.

Nós enfrentamos durante esse período de início do governo Collor um certo retraimento das lutas, mesmo porque era um governo novo. Havia uma expectativa na população do governo cumprir as promessas de campanha, de tentar dar certo. A gente dá um tempo p'ra pensar. E os trabalhadores também pensaram. A gente ia p'ra porta de fábrica e notava isso.

Mas depois começamos já um período de ficar chateados com isso. Não era o que a gente esperava. E fizemos muita luta isolada. A greve da FORD, a greve da CSN, a greve dos ferroviários, a greve dos eletricitários.

Nós temos que caminhar p'ra lutas conjuntas da classe trabalhadora.

O fato de ter lutas pulverizadas, lutas isoladas, é também um sintoma de desorganização. Nós temos que caminhar p'ra lutas unificadas. As necessidades são praticamente as mesmas, o sofrimento é praticamente o mesmo.

Cabe às direções sindicais e a quem tem acesso ao movimento operário lutar p'ra essa unificação das lutas, e se por frente a frente a esse programa econômico do governo.

DEBATE SINDICAL



Entrevista com Valdir, presidente do Sindicato da Construção Civil de Mogi das Cruzes e militante da ACO. (Realizada em outubro de 1990 por Paulinho)

ASSUMIR: Você é a favor da participação da CUT neste "entendimento nacional?"

Valdir: Sou contra a participação da CUT no pacto. Isto não é novo, já vem do governo Sarney e foi reeditado pelo Collor. Governo e empresários aproveitando da situação de arrocho dos trabalhadores vêm com a proposta do pacto. Não temos o que trocar.

A CUT está muito preocupada com a sua imagem perante a opinião pública. Ela quer evitar desgastes. Seu respaldo sempre foi através da representatividade de luta e conquista,

Sua posição tem que ser a de não fazer acordos com os patrões. Tem que ser mantida a posição de defender os interesses dos trabalha-

dores. Foi o que marcou a CUT durante os 7 anos de sua existência. Melhorar a imagem não constrói nem organiza os trabalhadores. Temos que buscar formas organizativas para nos contrapor à proposta do governo, temos que canalizar as lutas.

A CUT tem que melhorar a imagem diante da parcela que ela representa, que são os sindicatos filiados e as categorias cutistas, e não da que ela não representa. À medida que ela senta com o governo ela acaba se queimando, porque ela sempre foi radical e não pode mudar agora.

ASSUMIR: Quais são as consequências que você vê neste fato para os trabalhadores e para o sindicalismo no Brasil?

Valdir: Eu vejo consequências ruins.

Esta posição vem fortalecer o sindicalismo de centro. Porque agora existe argumentação para mostrar p'ra todo mundo que a CUT mudou. Quem acaba crescendo é o Medeiros e o sindicalismo de resultado.

Por outro lado a CUT diante de suas bases mais organizadas acaba perdendo credibilidade. E são essas bases que vêm sustentando a CUT durante 7 anos.



Não podemos vender a idéia que negociar com a classe dominante resolve, principalmente com a burguesia dando as cartas marcadas. Está provado que tem que ser pelas bases. Exemplo: a greve dos sapateiros

de Franca que parou 80% da categoria, onde houve conquistas.

O que pensa o trabalhador quando vê Jair Meneguelli engravatado em todos os jornais do Brasil pegando na mão do Collor? Melhora ou piora a imagem da CUT?

ASSUMIR: Que caminhos você aponta para a libertação da classe trabalhadora a curto e médio prazos?

Valdir: A libertação só vai se dar a longo prazo. Um dos caminhos é ter que voltar às origens das nossas propostas.

A exploração está cada vez mais refinada. Temos que intensificar as lutas. Hoje temos medo de sair fora da estrutura sindical que tanto repudiamos. Não podemos defender a social-democracia. Alguns setores já estão defendendo, temos que construir um sindicalismo voltado p'ra igualdade, liberdade, etc. Temos que nos libertar da teia de aranha que a burguesia está nos colocando. "Isto tem que ser a curto prazo." Cada vez mais o projeto burguês vai se consolidando. Ou impedimos isto ou seremos engolidos. Não podemos continuar correndo atrás do prejuízo. Temos que sair da defensiva para a ofensiva.

INFLAÇÃO APESAR DO PLANO COLLOR

Embora a arrogância continue caracterizando os pronunciamentos do presidente da república e de sua ministra da economia, que in-

sistem em manter achatados os salários e em não definirem uma política de recuperação do salário real da classe trabalhadora, a infla-

ção continua seguindo o seu curso assentada nos dois dígitos, ou seja, a partir de 10%, desconhecendo as encenações do presidente e os malabarismos verbais da ministra.

Desemprego, recessão e concordatas de empresas completam o atual quadro econômico do país.

A política de privatização das estatais e do pleno favorecimento das leis do mercado, que Collor insiste em querer efetivar, copiada do modelo inglês de Margaret Thatcher, acompanhada de aperto monetário, lá não deu certo, empobreceu um contingente maior da população da Grã-Bretanha e a taxa de inflação permaneceu elevada. Lá a era Thatcher chegou ao fim, a "dama de ferro" foi obrigada a renunciar. Aqui Collor ainda está no seu 1.º ano de

governo. Ainda tem muito mal a fazer. Certamente conseguirá fazer crescer, em muito, o contingente dos "descamisados".

Em que pese Collor ter saído derrotado das eleições de 90 (não elegeu governador em nenhum Estado importante, e a nova composição do Congresso não lhe assegura apoio irrestrito da maioria dos eleitos) nada aponta para reformulações na direção dos anseios e aspirações básicas da classe trabalhadora.

Assumir divulga a seguir a trajetória da inflação de julho a outubro, com base em dois índices: o Índice de Preços ao Consumidor (IPC), da FIPE e do IBGE, e o Índice do Custo de Vida (ICV), do DIEESE.

INFLAÇÃO

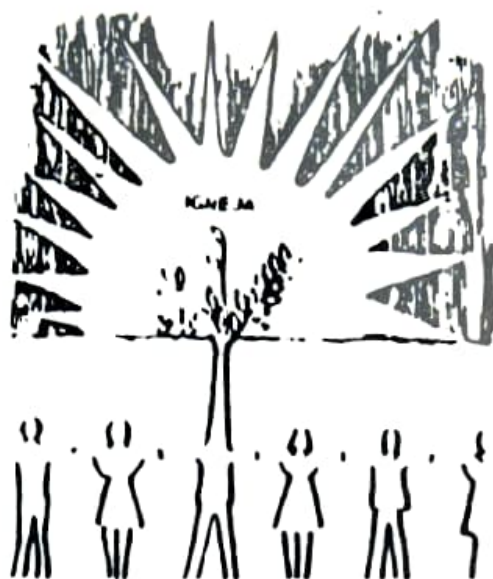
FIPE/IPC %		IBGE/IPC %	DIEESE/ICV %
Julho.....	11,31	12,92	13,63
Agosto.....	11,83	12,03	13,83
Setembro.....	13,13	12,76	13,74
Outubro.....	15,83	14,20	16,90
Acumulado/ano.....	1.164,18	1.285,81	1.127,26
Em 12 meses.....	2.643,81	2.909,30	3.604,99

Objetivamos assim, fornecer subsídios para a reflexão analítica, argumentação e qualificação da ação dos militantes, único modo de dotar de eficácia social as lutas em que estamos iseridos.

O IPC do mês de novembro, medido pelo IBGE, é de 15,58%, signi-

ficando um crescimento de 1,38% em relação ao do mês de outubro.

A inflação medida pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), na segunda quadrissemana de novembro atingiu 18% na capital de São Paulo. E tem governo que olha e não vê. Ou não quer ver?...



NOTÍCIAS DA IGREJA

A ACO E A CAMPANHA DA FRATERNIDADE

Carmen C. Jardineiro

É sempre motivo de alento e esperança, no tempo da Quaresma, a Campanha da Fraternidade.

A palavra campanha lembra: chamamento, organização, busca e esforço para se conseguir alguma "coisa".

Quando essa "coisa" é a fraternidade entre irmãos, não deveria precisar de se fazer campanhas. Se faz preciso porquê nem todos respondem ao chamado de DEUS.

A Campanha da Fraternidade vem propiciar, a cada ano, a conversão e oportunidade de uma renovação interior e um agir que nos prepara para a PÁSCOA DO SENHOR.

São vinte seis anos de campanha. A cada ano apresentando um tema novo, que desperta na comunidade a atenção para uma exigência maior de fraternidade, para um problema grave, que requer o empenho e a ação de todos, para uma solução à luz do Evangelho.

A Igreja Católica tem-se mostrado capaz de renovar sua vida através dos séculos, porque sempre abriu espaço para novas comunidades ou grupos, que suficientemente livres chegam às fronteiras em que a Igreja não se encontra totalmente presente.

A Campanha da Fraternidade não corre o risco de perder a vitalidade e de se transformar em rotina,

porque as prioridades são refletidas em pequenos grupos, e as pessoas se tornam abertas e vulneráveis umas as outras; o relacionamento com outros, enriquece a comunidade, quando este relacionamento se desenvolve num contexto de liberdade.

Os militantes da ACO têm por prática a *revisão de vida*, esta prática, resulta do *ver* um pouco diferente da maioria das pessoas. O *VER* do militante da ACO é sempre questionador, reflexivo e responsável.

Acreditamos que a comunidade cristã só chega a ser autêntica quando toma forma incorporando-se ao povo e ajudando-o a relacionar o EVANGELHO com decisões exigidas pelos problemas concretos.

A Campanha da Fraternidade também é dirigida e programada para que tal aconteça, e se não acontecer corre-se o risco de inverter os papéis distanciando-se do Evangelho e servir aos interesses das forças dominantes. Eis o questionamento: — “Fraternidade e Trabalho”, tema da Campanha da Fraternidade para o ano de 1991. No mundo do trabalho estão todos, os opressores e os oprimidos.

A quem dirigir nossos esforços e esperanças?

— Será que alguém acredita na ingenuidade ou bondade de empresários ou banqueiros?

— Será que a classe dominante não sabe que um desempregado em uma família pobre, é uma refeição a menos?

— Será que “eles não sabem

que quando desempregam o cabeça da família, pai ou mãe, a fome e a miséria chegam logo?.

No *Brasil Novo* os descamisados elegeram um novo governo na espe-

rança de ao menos garantirem uma refeição. Não é porém só de pão que o homem precisa.

O homem comum de nossos dias, deseja possuir senso de dignidade e responsabilidade; o homem comum quer ter o direito de competir em iguais condições.

Se nós cristãos queremos dar alguma contribuição à solução desses problemas, temos que em primeiro lugar passar por uma *revolução*, de quase todas nossas formas de vida e pensamento.

Temos que acreditar no ESPÍRITO de DEUS, que desde a antigüidade é a história de um *encontro* do povo com DEUS, que estava presente no meio de suas vidas e das lutas sociais e políticas.

Muitas vezes nos questionamos, angustiados e nos perguntamos se o Cristianismo em sua expressão institucional não se tem tornado mais uma negação do que afirmação do EVANGELHO. A linguagem da *Fé*, que liberta as pessoas para um futuro novo, não pode ser usada para amarrá-las a um passado morto?

Acreditamos que em tempos de crise tão profunda como a que vivemos é que os Cristãos, redescobrem a essência de sua Fé e de sua história.

E a CAMPANHA DA FRATERNIDADE é um instrumento essencial para isso, anunciando que o espírito de JESUS DE NAZARÉ, está livre no mundo, e que esse espírito contagia as pessoas e sua influência é irreversível.

A CAMPANHA DA FRATERNIDADE certamente levará às pessoas a certeza do Evangelho, quando lembrar que: "DEUS ESCOLHEU O HUMILDE DO MUNDO PARA CONFUNDIR OS SÁBIOS. . .



ACO Informa

CARTA DA ACO À COMISSÃO DA CF-91 DA CNBB

Sonia Maria Bulhões Miranda

O objetivo desta carta é de reconhecimento à Comissão da CF-91 da CNBB por ter escolhido como tema da Campanha da Fraternidade de 1991, "Fraternidade e Trabalho" e de estranheza por ter ignorado a presença da ACO como movimento de Igreja em sua atuação no mundo operário e popular desde a sua fundação em 1962 até hoje.

A escolha do tema "Fraternidade e Trabalho" dentro do tema

"Solidários na Dignidade do Trabalho", por parte da CNBB, por ocasião do centenário da encíclica "Rerum Novarum", entusiasmou a todas as pastorais e movimentos afins de Igreja no meio popular e operário.

E a ACO sempre esteve presente nos encontros promovidos pela CNBB ao lado da PO, ACR, CPT, JOC e outros grupos afins demonstrando seu apoio e colaboração. Inclusive enviou subsídios para a Via Sacra.

Se há movimentos que deixaram marcas profundas no compromisso da Igreja com a classe operária e o meio popular no Brasil a ACO está entre eles.

E porque a Comissão da Campanha da Fraternidade da CNBB se omitiu em dar qualquer referência a atuação da ACO neste sentido no texto-base?

Bastaria citar os documentos: "Nordeste: Desenvolvimento sem Justiça" e "O Homem Proibido", frutos de muita militância e seminários de aprofundamento na base, de 64 a 72, influenciando fortemente no novo posicionamento da Igreja por parte dos bispos do nordeste em seus pronunciamentos por mais justiça e menos opressão e repressão.

A forte participação dos militantes da ACO na greve de Osasco em 68 e em muitas outras, naquele período trágico da ditadura, dos quais surgiram as primeiras experiências de um novo sindicalismo, fez a Igreja estar mais presente e comprometida com o meio operário.

Os Cadernos da História da Classe Operária no Brasil, entre eles o 5.º (de 1964 a 1978), como também: "Jesus sua terra, seu povo, sua proposta", "Revisão de Vida: Conhecer para Transformar", "História do Povo de Deus" vol 1 e 2 e outros, alguns com seis edições, cada uma com três mil, cinco e dez mil exem-

plares dão peso político quanto a formação nos grupos de Igreja e operários hoje, de norte a sul do país.

Ao contrário do que aconteceu com o desaparecimento da JUC e JEC no meio estudantil universitário e de 2.º grau, a ACO contribuiu para garantir a continuidade de um trabalho de Igreja no meio operário. Em 78 no ABC, esteve mais do que nunca presente e atuante, ajudando a aproximação da Igreja com a luta dos trabalhadores.

Realmente a ausência de referência a atuação histórica da ACO depois de tantos testemunhos e literatura tão apreciada, é incompreensível.

Os militantes de base da ACO formando acima de 150 grupos e equipes, muitos deles nas direções de sindicatos, inclusive em centrais sindicais, partidos, movimento popular, etc, espalhados pelo Norte do país, Nordeste 1, 2 e 3, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul, esperamos alguns esclarecimentos.

Por esta razão o Conselho Nacional da ACO reunido no Rio de Janeiro nos dias 30/11 e 1 e 2/12/90, através desta carta quer expressar seu desejo profundo de comunhão com a CNBB, apesar do acontecido, e se dispõe a trabalhar conjuntamente dentro deste tema.

SOLIDÁRIOS NA DIGNIDADE DO TRABALHO

Cleuza e Paulinho

Desde o início deste ano a ACO, JOC, PO e outros movimentos e pastorais comprometidos com o Mundo do Trabalho, têm-se reunido para preparar o conteúdo que será usado como subsídio para a Campanha da Fraternidade 1991. Cleuza (MG) e Paulinho (NI) tem representado a ACO nas reuniões a nível nacional.

O objetivo desta campanha é fazer o possível para que a igreja em sua totalidade se volte para a problemática do Mundo do Trabalho e seus conflitos, e que haja maior incentivo e participação dos trabalhadores nesta campanha, que é de total interesse da Classe Trabalhadora.

Temos que descobrir hoje qual é o caminho da fraternidade; da partilha; da justiça; como projeto de Deus.

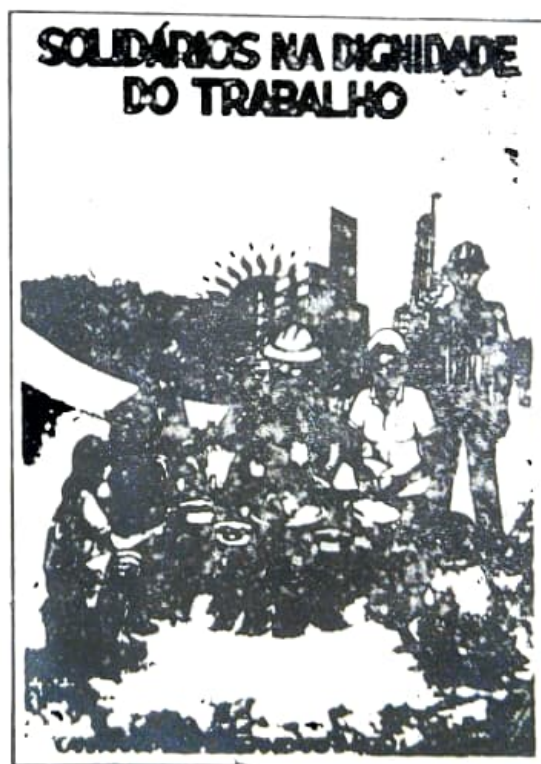
O que significa para nós o Mundo do Trabalho?

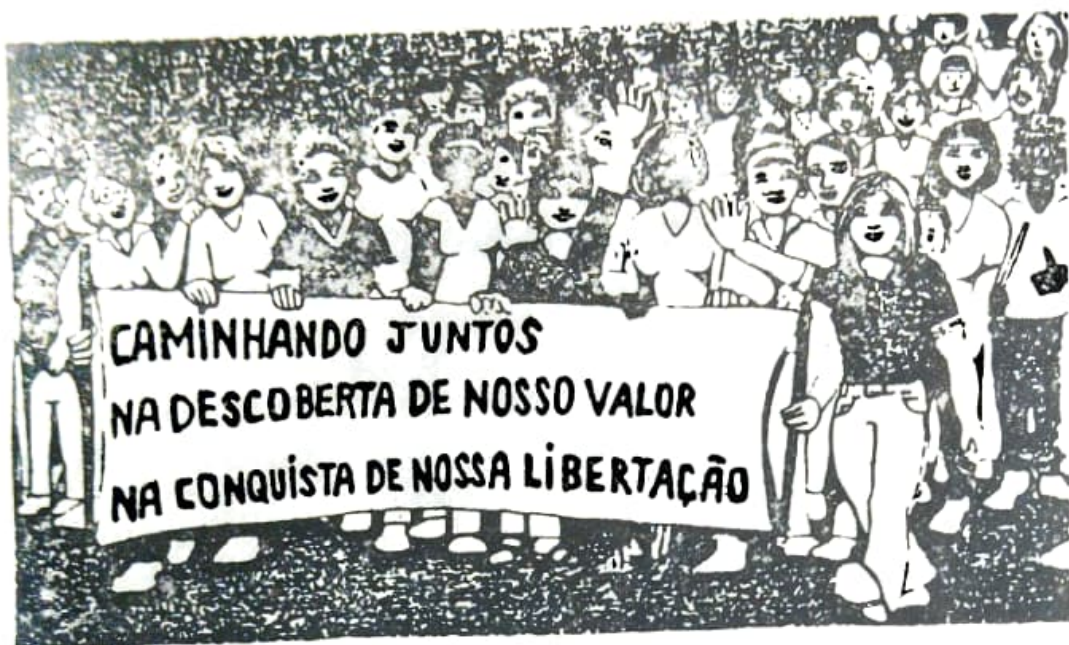
A ACO como contribuição direta, elaborou uma das peças da

Campanha da Fraternidade que é a Via Sacra.

Esta contribuição parte da nossa realidade, ligando Fé e Vida.

Esperamos que este material que será publicado pela CNBB sirva como subsídio para um trabalho de base para todos os militantes.





SÃO JOSÉ DOS CAMPOS: UM POVO EM LUTA PELA JUSTIÇA

Estas linhas tem por objetivo relatar a caminhada do povo dos bairros de Palmeiras de São José e Parque Industrial, na cidade de São José dos Campos, Estado de São Paulo. Caminhada esta, que serviu de Revisão de Vida Operária no 1.º Encontro da Região do Vale do Paraíba composto pelas equipes da ACO de Ferraz de Vasconcelos, Mogi das Cruzes e São José dos Campos. Nela se vê com clareza algumas posturas como: Igreja alienada e Igreja libertadora. Política escludente e política pela justiça. No sentido de se poder mostrar o ponto culminante de um processo de luta, de um aprendizado, que chegou a atingir um alto nível de consciência humano-política, em uma comunidade antes mergulhada numa prática religiosa das mais conserva-

doras, achamos por bem começar este relato a partir do momento em que o casal Edemir de Paula e Vilma Bitencourt de Paula, recém-casados; chegaram a Vila Industrial, em São José dos Campos, vindos de Mogi das Cruzes; isto no ano de 1980. Em Mogi das Cruzes, Edemir e Vilma atuavam no grupo de jovens da comunidade São Benedito, no bairro de Vila Suíça.

Com a palavra, Vilma Bitencourt de Paula

OS VIZINHOS TAMBÉM SÃO IRMÃOS

Chegamos aqui, no Parque Industrial, como já disse, recém-casados; o que deixa a gente um tanto só pelo fato

de não conhecer ninguém. Conversamos, eu e o Edemir e achamos que seria uma boa ir de casa em casa ao encontro dos vizinhos e dizer: estamos chegando, somos os novos vizinhos de vocês! E, assim aconteceu. Logo descobrimos que nossos vizinhos, em sua maioria vindos de Minas Gerais, praticavam o costume da leitura do têrço em grupo e de casa-em-casa. Fomos convidados a participar e não vacilamos em ingressar nos grupos do têrço. Acontece que trazíamos, como prática esta que propomos e foi aceita pelos grupos do têrço. Assim, logo começou-se a praticar as leituras bíblicas sempre relacionadas aos fatos, aos acontecimentos da vida. Logo o modo de sentir, de ver, de praticar a religião aliando-se aos fatos da vida, começou a mudar o sentido de percepção da vida pelo grupos do têrço. As necessidades, os acontecimentos que envolviam o bairro, começaram a ser percebidos e introduzidos como ponto de avaliação durante as reuniões. Foi assim até que o fato chegou ao conhecimento do vigário da comunidade religiosa do bairro. Aproveitando-se de uma ausência nossa do bairro o vigário assumiu o grupo batizando-o como "Legionários de Maria". Em seguida começou a jogar o grupo contra mim e o Edemir, sob alegação de que estávamos levando-os a práticas tão somente materiais, cuja prática acabaria por afetar seus verdadeiros sentimentos de religiosidade. A influência do vigário contra nós foi tanta que o povo dos grupos de reza mal nos cumprimentavam, mesmo assim, à distância. Edemir, desgostoso com os fatos, passou a dar maior preferência às lutas da fábrica, do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de São José dos

Campos. A esta altura dos acontecimentos estávamos no ano de 1982 e na ACO, por intermédio do companheiro Mário Aquino. Nossas relações com os grupos de reza continuavam geladas. A distância do Edemir, envolvido totalmente na vida sindical, me deixava bastante desanimada. Desanimada a tal ponto, que o pessoal da ACO vinha nos visitar e eu, muitas vezes, nem mesmo sentava com eles para conversar. Estava disposta a não me meter mais em nada. Assim foi até 1984, quando fui convidada a participar da AMPI — Associação dos Moradores do Parque Industrial. Na AMPI lutávamos por asfaltó, condições de moradia, etc. Vemos um pouco da luta da AMPI pelo Boletim que segue. . . antes devo esclarecer que a AMPI abrangia também bairros adjacentes como Palmeiras de São José, etc.

"Moradores do Palmeiras de S. José: vocês se lembram da vida do bairro alguns anos atrás? Nós não tínhamos luz pública, não chegava até nós a rede de esgotos, os terrenos baldios careciam de limpeza periódica, servindo de ninho para diversos bichos como cobras e escorpiões. . . e muitos outros problemas. Mas graças à mobilização da comunidade através da Associação do bairro, hoje o Palmeiras de São José conta com uma infra-estrutura pelo menos digna para se viver, o que não era possível. A luta para melhorar nossas condições de moradia nos fez seguir uma dura caminhada onde participamos de reuniões nos bairros, fizemos abaixo-assinados, fomos a reuniões com o Departamento

de Obras da Prefeitura, enfrentamos as promessas do poder público, que demoraram para serem cumpridas. . . Mas enfim. . . hoje a gente se pergunta: valeu a pena a caminhada? Sem dúvida! Se não fossem essas reuniões, dedicação e principalmente, a união dos moradores nada teríamos resolvido. . . e agora, vamos parar por aí? Será que todos os nossos problemas estão resolvidos? Nós sabemos que não. Embora estejamos com uma estrutura razoavelmente montada, agora temos de mantê-la. . . é preciso que nos mantenhamos unidos para crescer. . ."

Surge o CTG — Clube de Tradições Gaúchas — Um elemento estranho aos interesses dos moradores

Na Associação dos Moradores do Parque Industrial e adjacências, à medida em que lutávamos em busca de melhorias, fomos deparando com outros tipos de problemas humanos entre os quais, o da criança abandonada e carente, entre as quais muitas já haviam (ou estavam) em fase de iniciação ao tóxico. Com mais esta preocupação os moradores saíram em busca de uma área junto ao prefeito de São José, Sr. Antonio José (PMDB), cuja finalidade era a de construir um CCC — Centro de Convivência Comunitária. Ao contrário das pretensões dos moradores, o prefeito cedeu uma área, mas para instalação de um clube de lazer para gente burguesa, o CTG — Centro de Tradições Gaúchas. Um clube particular em área pública, além do mais. Os moradores cobraram do prefeito

e receberam promessa de que o Centro de Tradições Gaúchas abriria espaço na área onde igualmente poderia funcionar o Centro de Convivência Comunitária. Acontece que o prefeito mentia, jamais pensara na reivindicação dos moradores. Os moradores começaram a perceber que o seu compromisso era com o povo que formava a elite do Centro de Tradições Gaúchas. Começaram a perceber que se dependesse do prefeito Antonio José, o projeto CCC jamais sairia.

O povo cresce, finca o pé e vai em frente

É bom que se entenda que os moradores não estão interessados na área cedida ao Centro de Tradições Gaúchas. Os moradores querem a área prometida mas não necessariamente a cedida ao CTG. A luta contra o CTG acontece pelos descabros, pela poluição sonora, pelo desrespeito, abuso e provocações que são lançados contra os moradores. Por exemplo: O ponto final do ônibus, uma das mais difíceis conquistas dos moradores, fica justamente em frente ao CTG, ou seja, o CTG foi instalado em frente ao ponto final da linha de ônibus que atende à população dos bairros. Pois bem! Os proprietários do Clube sob alegação de que a concentração de pessoas atrapalhava a movimentação do clube, acharam por bem afastar o ponto dali. Esse foi o estopim que levou os moradores a um elevado estado de revolta e a uma ação que em determinados momentos chegou a um alto nível de violência. Estava definitivamente selado um racha dos moradores contra o CTG e seus defensores.

Novo prefeito, novas maracutaiais

Em março de 1989 assumia a prefeitura o Sr. Joaquim Beviláqua (PTB). Quando em campanha o Sr. Beviláqua havia prometido aos moradores que e eleito retiraria o Centro de Tradições Gaúchas do bairro. O povo cobrou e verificou que se tratava de mais um político enganador, que a promessa feita era só para ganhar votos. Mas os moradores estavam unidos e atentos a ponto de descobrir o pior. Descobriu-se que o prefeito não só iria afastar o CTG do bairro como já estava cedendo outra área (ao lado do clube) para que este pudesse construir um estacionamento de carros para associados e clientes.

Pressão política dos moradores

A 10 de junho de 1989 os moradores em grande caravana ocupam a Câmara de Vereadores de S.J. dos Campos. Usando até mesmo de ameaças aos vereadores comprometidos com a direção do CTG, conseguiram derrubar o projeto do prefeito Beviláqua, no qual, além da área já ocupada pelo CTG, outra era agregada em concessão definitiva ao clube. É bom que se diga que também os proprietários do CGT e seus políticos levaram à Câmara de Vereadores uma grande multidão, em sua maioria pagos em dinheiro ou promessas de assistencialismo. Entretanto, a vontade de vencer dos moradores e o apoio de poucos, vereadores, mais definidos, acabou por derrotar o projeto do prefeito e do Centro de Tradições Gaúchas.

Creio que esta carta dirigida ao prefeito por uma das nossas moradoras, pode dar uma idéia

bem clara do que sentíamos. Vamos a ela. . .

"São José dos Campos, 09 de junho de 1989. Exmo. Sr. Prefeito Joaquim Beviláqua.

Como moradora do bairro Palmeira de São José, sou membro da Associação de Moradores do Palmeira de São José. Moradora pioneira do bairro e a dez anos lutando frente à prefeitura junto a outros moradores. Graças a Deus sou esposa de trabalhador "peão de fábrica", como a maioria dos nossos moradores que chega a 99% da comunidade. Ontem nós moradores unidos e organizados nos fizemos presente à sessão da "Câmara Municipal" para pedir aos Srs. vereadores que não aprovassem o seu pedido de doação da nossa melhor área a uma entidade de cunho meramente particular que nada tem a ver com a realidade da nossa comunidade. Onde reside três famílias gaúchas, gente a qual nada temos contra, mas sim somos contra ao CTG (Centro de Tradições Gaúchas) pelos bailes infernais, que não nos deixam dormir, que ocupam nossas portas com estacionamento, com barulho noite a fora, às vezes três noites seguidas. Nós moradores o elegemos para sermos protegidos por você e esperamos por isto. Não fomos fazer bagunça na Câmara, fomos pedir o que é nosso. Que o CTG seja instalado em uma área onde o barulho não incomoda à população pobre e sofrida como a nossa. Sabemos da proposta deles para mais área de torneios gaúchos. Contando com sua compreensão, vendo pois, que deve ser levado em conta o bem-estar da comunidade e não de um grupo privilegiado pela sorte de ter dinheiro. Nosso protesto não é

de agora. Desde o ano passado quando começaram os bailes infernais que lá são realizados, que nós começamos a procurar quem de direito para reclamar e providenciar a remoção de tal clube para um lugar deserto. Esta obra iniciou irregularmente nos dias de sábado, domingo, segunda, terça-feira de Carnaval de 1988 e na quinta-feira quando funcionou a entidade pública já estava coberto o galpão e como nos dias de trabalho eram máquinas e caminhões da Prefeitura que traziam materiais de construção e aterravam a área, supomos nós que seria algo para a comunidade como nos haviam prometido uma área de esporte e lazer para a juventude. Hoje para nossa tristeza temos que implorar providências, para ficarmos livres deste barulho e transtornos para que esta entidade privada de grupo privilegiado seja retirada de nossa comunidade."

Pressão total e permanente contra o CTG

Os moradores reunidos em torno da Associação dos Moradores do Parque Industrial e Adjacências, ao mesmo tempo em que exerciam pressão política contra os vereadores e o prefeito — comprometidos com a elite proprietária do CTG —, faziam revezamento em função de uma vigilância à sede do clube; resistindo à polícia, aos jagunços do clube, pois, abria-se valas para impedir que os carros dos proprietários e associados do clube pudessem estacionar, assim como impedir a construção do estacionamento. Neste momento a pressão contra o CTG é tanta que a vitória está praticamente consumada, uma vez que os associados e frequentadores do

clube estão temerosos e deixando o clube. Está mesmo consumado o deslocamento do clube para outra localidade fora do bairro.

Resumindo os resultados ideológicos da luta até o momento

"Em nenhum momento tentei empurrar o PT nos moradores. Mesmo porque desde o começo da luta já havia aqueles que, influenciados pelas pichações dos defensores do CTG, diziam que eu só havia ingressado na AMPI — Associação dos Moradores do Parque Industrial, com intuito de preparar caminho para uma possível candidatura do Edemir a vereador pelo PT. Entretanto, o nosso testemunho desinteressado — também a postura dos vereadores do PT (são três em S. José), Carlinhos, Amélia e Miranda, acabou por levar os moradores a descobrirem que pode haver algo de sério na política. No momento, não tenho dúvida, estão todos com o PT".

"Também as discórdias lançadas contra nós pelo vigário da comunidade se foram. A caminhada que acabou por envolver a todos, acabou também por mostrar aos companheiros de reza que o que desejávamos era correto e justo, que não era nada daquilo que o vigário dizia. Na unidade da luta retomou-se a unidade na Fé. Creio não ser preciso me alongar para dizer que também a ACO saiu fortalecida nesta caminhada, principalmente com os grupos de reza."

1 — Depoente: Vilma Bitencourt de Paula

2 — Anotador e intérprete: Marcelino Pereira Martins



RVO DOS LIBERADOS

Equipe dos liberados

Este Conselho de fim de 1990 marca uma data importante para o grupo dos liberados e conseqüentemente para o Movimento como um todo.

Dos cinco liberados, três estão chegando ao final do mandato. É um evento que chama a nossa atenção e, temos o desejo de transmitir para o Conselho Nacional, alguns fatos marcantes da nossa REVISÃO DE VIDA, realizada no Secretariado no dia 29 de novembro.

A proposta para Revisão de Vida foi a seguinte:

- Nossa prática como liberados.
- Como está nossa militância com a classe.
- A nossa vida afetiva e familiar.
- O compromisso Evangélico dentro do serviço da ACO.

Em relação a militância com a classe, temos que dizer o seguinte:

— Antes de sermos “Liberados”, todos nós fomos trabalhadores atuantes em várias categorias profissionais, lutando para construir sindicatos e oposições sindicais de classe nestas categorias; lutando no partido e muitas vezes nas associações de bairro.

— O tempo para os “Liberados”, geralmente não nos permite mais de uma militância direta, embora conseguimos atuar no bairro quando estamos presentes.

— Quando se trata do término do tempo como liberado e de retomar uma atividade profissional, *o desafio é grande para nós*. Como aos 40, 50 anos encontrar um trabalho assalariado em fábrica, neste tempo de

recessão econômica? Sendo autônomos na produção ou no comércio para sobreviver, como garantir um espaço militante a nível sindical?

— Aliás uma constatação vai crescendo em todo Brasil, o número de militantes afastados dos locais de produção, pela repressão e recessão — ambas promovidas pelo governo e pelos patrões.

— Nas visitas dos liberados procuramos conhecer a realidade e as pessoas que vivem estas realidades, mesmo “pequenas”. Por exemplo: Em Marabá e Tucuruí procuramos valorizar as mulheres lavando roupa nos córregos e passamos a elas a tabela das lavadeiras.

— Quando eu me encontro com militantes super-engajados, com aquela ansiedade de transformar a sociedade, a gente lembra aos companheiros que não é sozinho que iremos transformar a sociedade: o importante é sempre chamar mais companheiros para nos ajudarem.

— A gente recebe muitas perguntas sobre o PT e o governo da Erun-dina.

Em relação a nossa vida afetiva e familiar:

Com a ausência de 30 a 50 dias da família, é claro que sentimos saudades e às vezes uma certa solidão, mas o companheirismo dos militantes e de seus familiares ajudam muito a matar estas saudades.

— “O pega-pega com as crianças, a confiança faz com que a gente se sinta em casa. Procuramos transmitir

calor, alegrias, esperanças... é o que mais falta ao nosso povo.

— As pessoas visitadas se preocupam com a nossa família: “Faz quantos dias que você saiu de casa? Perguntas como estas fazem com que o liberado não sinta tanta solidão, porém, pensa na solidão dos próprios familiares.

— Afinal sentindo o carinho e a amizade os liberados experimentam uma família operária — maior ainda que sua própria família.

— “Esta caminhada com o liberado me ajuda na minha própria vida conjugal.

— “A minha família se tornou mais carinhosa comigo depois que eu saí como liberada”.

O compromisso Evangélico dentro do serviço da ACO:

— Partilhar as dificuldades financeiras, econômicas a partir deste pessoal firme na caminhada, na luta que enriquece a minha fé em Jesus Cristo. Sem esta fé em Cristo, sem a firmeza dos companheiros, o liberado não agüentaria a barra.

— Quando você visita, você reanima. Encontramos equipes desanimadas e conseguimos juntar os companheiros (as) para re-articular.

— A gente passa as experiências de um lugar para o outro. Dá as notícias do Nacional.

— Tentamos sempre mostrar os limites de uma equipe, nunca é total-

mente negativo, sempre tentamos encontrar uma saída.

— Tentamos sempre mostrar a *RVO* como *centro* que vai irradiar a atuação do militante e a própria vida da equipe.

— Procuro ajudar a cada um do grupo a se expressar.

— Nós insistimos para que as

equipes se reúnam de preferência na casa dos militantes, e não em locais paroquiais — para que as famílias de militantes estejam mais perto do movimento e vice-versa.

Conclusão:

Nós tentamos passar o fundamental da Ação Católica Operária. É um aprendizado maravilhoso. *Quem foi liberado nunca mais vai esquecer.*



VOTO

Fernando Neves

Ouvi a voz do eleito, que falou, falou! . . .
Ouço a voz do candidato, falando, falando! . . .
Senti e gritei com o povo, e votamos,
Choramos a crença perdida, por palavras não lavadas.

Ouvi a voz do eleito, que chorou por ninguém! . . .
Ouço a voz do candidato, quase sem lágrimas,
Quase insensato! . . .

Ouvi o que mais quis, ouço o que mais quero!
E o desejo a tempos paira, e tomara que não mais!
Tomara que os berços, sejam berços, que os homens
Sejam homens.

Tomara que não frustrem, e que não gritem palavras vãs!
Tomara que os sonhos não esvaem-sel! . . .
Chorar chorando, não mais,
Chorar sorrindo, tomaral! . . .

ASSEMBLÉIA DO CONSELHO NACIONAL DE LEIGOS

Foi realizada nos dias 11 a 14 de outubro, no Seminário da Floresta, em Juiz de Fora, a Assembléia Nacional do CNL com a participação de 104 pessoas representando 16 entidades e 7 regionais.

Participaram pela ACO: Valdivino, Cida e Walter.

No seminário foram abordados vários assuntos de importância para as pastorais e os movimentos leigos, como:

— Análise de conjuntura, feita por Tilden Santiago, jornalista e professor, na qual vimos a conjuntura internacional com o surgimento dos conglomerados econômicos modernos como EUA, Canadá, Europa, União Soviética e os Tigres Asiáticos liderados pelo Japão, com o objetivo de unificação e globalização da economia. Daí as consequências para o 3.º mundo da Dívida Externa, exploração e miséria, em nome da modernidade.

No plano nacional vimos a questão da transição da ditadura para a democracia de maneira lenta, "gradual e segura", proposta pelos militares a partir de Golbery. Transição

esta que passa por um processo de modernização à custa da estagnação econômica, com transferência de recursos para o exterior, recessão, desemprego, arrocho salarial e miséria. A eleição de 89 apresenta um fenômeno novo: momento forte e expressivo onde pela primeira vez no Brasil aparece a polarização ideológica política. Eleições de 90 marcadas pelo protesto popular com votos brancos e nulos.

Frente a esta conjuntura se nos apresentam duas saídas: 1 — recolocar-se no mundo do capital transnacionalizado e, 2 — definir novo caminho através da estratégia de renda distributiva e de democratização. Neste sentido existem 3 projetos em discussão:

- 1— Econômico liberal (existente com Collor)
- 2 — Social democracia (Europa)
- 3 — Utopia do Socialismo

Ao final houve a palavra de D. Marcelo Cavalheira dando a idéia de que estamos vivendo numa perspectiva comum, com objetivos bem claros, e que aqui viemos afirmar esta comunhão.



José Gatelier

Dra. Vera Lúcia Machado

Prezados senhores da ACO.

Gostaria de agradecer o Boletim Nacional ASSUMIR, sempre de grande importância, para nós tem somado muito.

Li sobre a despedida de Pe. Salvador. Que pena a ida dele. Me lembro quando ele ajudou o mutirão de Edson Passos, Lírio do Vale, ocupação urbana e, foi muito triste quando 8 ocupantes da área foram detidos, em pleno inverno. Os posseiros ficaram o dia inteiro e a noite inteira. Foram liberados às 6:20 hs. Nós passamos a noite inteira até os 8 posseiros prestarem depoimentos. . . Foi terrível, a gente naquela noite fria e o padre Salvador conseguiu agasalho, alimentação para os posseiros. . . Quando, após os depoimentos, fomos liberados, o padre Salvador e

nós todos estávamos tranquilos. . . Na verdade ficaram marcados para sempre os momentos difíceis que passamos.

ASSUMIR: Obrigado Doutora Vera pela força que a sua carta traz para a gente. Obrigado pelo lindo testemunho sobre o padre Salvador.

De Dom Waldyr Calheiros, Bispo de Volta Redonda

Uma carta que os leitores do segundo volume da "História do Povo de Deus", vol. 2, vão descobrir, talvez no Natal, lendo a apresentação do livro tão esperado.

ASSUMIR: Dom Waldir a sua palavra é um testemunho nesta terra brasileira do Povo de Deus. A nossa gratidão pela fidelidade exigente que está nos ensinando.

Do padre Salvador

Das várias cartas recebidas pelos membros do Secretariado, escolhemos a mais recente.

"Estou com boa saúde. . . Cheguei em Paris no 1.º de outubro. Estou morando no 6.º andar na Casa dos padres assistentes da ACO, JOC e MAC. Eles fazem de tudo para que me acostume à Vida da França. Na faculdade somos 50 participantes deste ano de Formação: 11 estiveram na África, 8 na América Latina, 2 na Ásia. Vamos ter curso sobre Filosofia, Teologia, Bíblia. . . eu escolhi uma introdução ao Antigo Testamento e estudo do Evangelho de João. Na semana passada participei de um tribunal sobre os crimes na Amazônia. Vieram testemunhar índios Yanomani, Surui, Tupi. Tinha também sindicalistas. Osmarino, sucessor de Chico Mendes. . . eles contaram horrores.

Um abraço do. . . Salvador."

ASSUMIR: Coragem Salvador. . . que bom estudar aos 60 anos, recomençar de novo em Paris para continuar novamente. . . quem sabe, no Brasil. Um conselho. . . cuidado com os 6 andares sem elevador. Aqui anotamos o seu endereço (até junho de 91) para os militantes do Brasil.

Salvador Martinon
23, rue Jean de Beauvais AA050
75005 PARIS — France

Do Conselho Indigenista Missionário (CIMI)

Um apelo para uma pressão

ampla e urgente a nível nacional para garantir a sobrevivência do Povo Yanomani e desestimular a violência e a impunidade reinante na região. Que todas as Igrejas do Brasil participem conosco nesse grito "Pela Vida na Amazônia".

ASSUMIR: Recebemos este apelo com uma carta de Dom Luciano, presidente da CNBB, poucos dias antes da nossa Executiva Nacional (de outubro). Lemos esta carta com muito carinho. Na Eucaristia lembramos os povos indígenas e mandamos ao CIMI uma carta de solidariedade em nome da ACO do Brasil.

Da CNBB (D. Antônio Celso — Pe. Dagoberto Boim

Uma carta para mandar sugestões para a Campanha da Fraternidade 1992: "A Fraternidade e a Juventude".

ASSUMIR: Pouco tempo nos sobrava para responder em tempos úteis a este apelo, aliás muito interessante. Ficaremos disponíveis para as próximas etapas da campanha.

De Ricardo/Terezinha

A Ação Católica Operária (ACO)
— 02 de setembro de 1990.

A partir deste encontro de novos ingressamos neste movimento.

Esperamos que ele seja para nós uma escola de experiência de lutas no Cristo para a sociedade. Queremos ser dentro dele, pequenas sementes, que se esforçou para germinar, e quando tiver frutos, com todos re-

partir, e quando tiver sementes, espalhá-las por toda sociedade.

Sonhamos ver um dia, uma sociedade justa e igual para todos. Procuraremos aprender a lutar por essa causa.

Que Deus nos abençoe.

A carta abaixo publicada, foi enviada para a redação da Revista VEJA.

Para que a mesma possa fazer a retratação do artigo que fala sobre os seqüestros que ocorreram com militantes da JOC e ACO no mês de outubro/90 em Recife e Belém.

A Revista VEJA

Ilmo Sr. Diretor,

O Conselho Nacional da ACO – Ação Católica Operária, em reunião ordinária em 30/11 e 01 e 02/12/90, vem com a presente agradecer a cobertura jornalística levada a público sob o título “Porção da Ditadura”, pg 40 da edição nº 1150, abordando o lamentável episódio que envolveu militantes da ACO e JOC.

Louvamos o serviço da imprensa na ajuda para elucidação de fatos do gênero, que pensávamos não se repetir após o nefasto regime militar de recente triste memória.

Mas, para o bem da verdade, necessário se faz um reparo de grande relevância a matéria publicada que é o seguinte:

A ACO, assim como a JOC, é um movimento de formação de mili-

tantes trabalhadores, empenhados na realização do homem enquanto pessoa, na busca de justiça dentro da classe trabalhadora, tendo em vista os ensinamentos de Jesus Cristo. É conhecido e reconhecido nacional e internacionalmente na sociedade civil, na Igreja, nos movimentos sindicais, políticos e populares. É filiado ao MMTC (Movimento Mundial de Trabalhadores Cristãos), com Sede em Bruxelas – (Bélgica) e, em termos de América Latina é membro do MOAC – Movimento Operário de Ação Católica. Está representada em 42 países e 5 continentes. Tem seus endereços amplamente divulgados por meio de suas publicações, muitas delas várias vezes editadas.

Existe aqui no Brasil desde 1962, não sendo portanto clandestina e não precisa estar “abrigada no PT ou na CUT”, como a matéria coloca.

Não cabe tampouco a alusão de que a ACO seja uma tendência dentro do PT, como o Jornal do Brasil publicou, pois embora a grande maioria de militantes seja petista, há companheiros de outros partidos como o PDT, por exemplo.

Ademais a ACO como entidade formadora de militantes trabalhadores com vista a uma sociedade fraterna e justa, colaborou efetivamente na criação do PT e conseqüentemente da CUT, reforçando com isso, sua total independência em relação a ambos.

O fato dos seqüestros e torturas dos nossos militantes é abominável e esta nossa observação não desmerece o artigo de grande importância nacio-

nal, mas apenas queremos esclarecer a opinião pública sobre o contexto no qual a ACO se encaixa.

Ficamos à disposição da imprensa em geral para informações — complementares que julgarem neces-

sárias, ressaltando o grande interesse que dispensaram ao assunto.

José Gatelier
Assistente Nacional — ACO
3/12/90



NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

A ACO DO BRASIL PRESENTE NAS CONVERSÕES DO CHILE

Cleuza e João Pinto

De 29/9 a 04/10/1990 o MOAC (Movimento Operário de Ação Católica), latino americano, realizou em Santiago do Chile mais um seminário de formação (Conversações) operária e de Igreja.

Participaram operários e religiosos do Movimento de 08 países da América Latina, que embora com nomes diversos tem o mesmo compromisso de fidelidade à classe operária e à Igreja através do método: Ver — Julgar — Agir.

Da ACO (Ação Católica Operá-

ria) do Brasil participaram 05 militantes operários e 2 assistentes: João Pinto (PA); Cleuza Chamon (MG); José Francisco (PE); Joaquim Miranda (SP); Remédios Mira Fernandes (MG); Cecília Berno (RS) e Mário Prigol (RJ).

Os temas principais: Capitalismo Hoje, Dívida Externa, Situação da Mulher, e Relação dos militantes dos Movimentos Operários e da Igreja frente a tudo isto.

A metodologia usada foi a partir do Ver, Julgar e Agir.

Nos países da América Latina denominados terceiro mundo temos uma situação em comum e vivemos numa enorme exploração em todos os aspectos.

Na família há uma desintegração total por causa dos salários baixos, falta de alimentação, alto índice de mortalidade infantil, miséria crescente, desnutrição, falta de escolas e de universidades.

Situação econômica:

Vivemos submissos a uma política imperialista do FMI. Os planos do governo são planejados pelos capitalistas internacionais, que visam a modernização, concentração de renda em poucas mãos, privatização das empresas estatais, dívida externa enorme e escravizante e alto índice de desemprego.

Realidade política

Os partidos políticos, sindicatos e movimentos populares em sua maioria são controlados pelos capitalistas e governos, há muita corrupção e falta de democracia.

A repressão é muito forte sobre os movimentos autônomos que lutam pelo direito dos mais fracos. Há mortes e desaparecimentos de lideranças políticas, sindicais e populares.

Realidade cultural

Alienação dos grandes e eficientes meios de comunicação de massa a serviço da classe dominante. Inundação de cultura capitalista que destrói nossa cultura, nossos valores. As constantes migrações fazem perder nossa

identidade, nossas raízes. Educação é para pequenos grupos privilegiados e a serviço da classe dominante.

Situação da mulher

As mulheres têm baixos salários, dupla jornada de trabalho, desvalorização da mão de obra, não são aplicadas as leis que as defendem contra o machismo e marginalização. A Igreja, família e escola educam — mas para submissão ao homem. Sofrem violência física e agressão. Abuso sexual, aborto indiscriminado. São usadas em propaganda comercial.

Movimento de operários cristãos e de Igreja

Os movimentos operários cristãos tem contribuído na formação e conscientização da classe trabalhadora, na descoberta da luta de classe e na luta contra a exploração. E tem forçado, muitas vezes, a Igreja hierárquica a tomar posições em favor dos trabalhadores.

A igreja em grande maioria ainda não colocou em prática a opção preferencial pelos pobres. Muitas das vezes fica em cima do muro.

JULGAR

Como cristãos comprometidos com a construção do reino de Deus aqui e agora, avaliamos o por quê de toda esta situação e a nossa participação dentro desta realidade.

Causas:

a — A exploração capitalista e a própria luta de classes (Exploradores e Explorados).

*A política dos governos e seu compromisso com o capital nacional e internacional.

*Meios de comunicação social eficientes a serviço do poder constituído.

*Educação a serviço da classe dominante.

*Partidos políticos, sindicatos, associações em sua maioria servindo ao sistema.

*Lideranças populares se relacionando de maneira sectária provocando uma profunda divisão entre si.

*Individualismo, clientelismo, força o nosso povo cada dia mais a se sentir dependente e esta dependência impede um avanço maior no meio popular.

*Pouca solidariedade entre a classe trabalhadora.

*Uma minoria do povo latino-americano tem consciência de classe e de ideologia clara e isto torna difícil uma maior participação, mobilização e organização da classe trabalhadora.

Nossa participação:

Nós como militantes comprometidos com a transformação da sociedade procuramos estar presentes nas diversas formas de mobilização, organização e resistência da nossa classe (sindicatos, partidos políticos, associações organizadas, igreja libertadora).

— Procuramos levar através do nosso testemunho de vida uma fé baseada no evangelho e na luta, lutando em defesa da vida!

AGIR

Frente a toda esta realidade,

concluimos que sem desenvolver a solidariedade entre os povos da América Latina, não encontramos uma saída. A partir daí então, temos estes desafios.

Sobre o Capitalismo

— Criar e fortalecer a participação nas organizações populares, mantendo seu caráter classista.

— Formação de uma consciência política a partir das conquistas sociais e econômicas, para ir criando os instrumentos de luta, que se antecipam ao que queremos, como projeto de uma nova sociedade.

Sobre a mulher

Resgatar o atuar histórico passado e atual da mulher em cada país e também na América Latina.

Impulsionar, criar e fortalecer espaços de organização, que permitam a formação em todos os aspectos: cultural, social, político e o sexual.

Sobre a Igreja e MOAC

— Trabalhar a RVO para viver e aprofundar:

— Nossa espiritualidade

— Nossa identidade

— Nosso testemunho de cristãos com a sociedade.

— Nossa formação ideológica e evangélica.

Fortalecer a relação com movimentos e espaços afins na igreja, comprometidos com a classe trabalhadora.

Conseguir e assegurar assessores comprometidos.

PUBLICAÇÕES DA AÇÃO CATÓLICA OPERÁRIA – ACO

As publicações da Ação Católica Operária – ACO, são todas de linguagem simples e do ponto de vista dos trabalhadores. Tem como objetivo a formação de militantes comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e fraterna.

Dividiremos nossas publicações em 3 coleções para os interessados perceberem melhor o conteúdo das mesmas:

Coleção Ver, Julgar, Agir pelos 4 lados à luz da Bíblia.

Fazem parte desta coleção:

1. **Conhecer as Sociedades** (31 pg.) – Explica o método pelos 4 lados.
2. **História do Povo de Deus**. 1.º volume (180 pg.) – Tem como subtítulo: **Introdução para uma leitura da Bíblia**.
Mostra a participação dos trabalhadores na organização do povo de Deus no tempo da Bíblia, desde Abraão até o exílio pelo ano 500 aC.
3. **História do Povo de Deus**. 2.º volume. Abrange o período do exílio até o final do Macabeus.
4. **Jesus, Sua Terra, Seu Povo, Sua Proposta** (112 pg.).
5. **Revisão de Vida: Conhecer para Transformar** (132 pg.).

UM MOVIMENTO DE CRIANÇAS – Incluimos nesta coleção este livro publicado em conjunto com o MAC (Movimento de Adolescentes e Crianças), porque segue o mesmo método Ver, Julgar e Agir adaptado para a autoformação de crianças e adolescentes.

2. Coleção Cadernos da História da Classe Operária.

A idéia de se escrever a História da Classe Operária, surgiu no Congresso da ACO de 1971 em plena ditadura, quando a grande imprensa declarava nunca ter existido a Classe Operária.

- Caderno 1 – **Gestação e Nascimento:**
de 1500 a 1888 (50 pg. – 4.ª Edição)
- Caderno 2 – **Infância Dura**
de 1889 a 1919 (104 pg – 4.ª Edição)
- Caderno 3 – **Idade Difícil**
de 1920 a 1945 (120 pg. – 4.ª Edição)
- Caderno 4 – **Amadurecimento**
de 1945 a 1964 (100 pg. – 2.ª Edição)
- Caderno 5 – **Resistindo à Ditadura** (108 pg – 1.ª Edição)
- Caderno 6 – Na redação final.

3. Coleção Documentos da ACO

1. **História da ACO** (169 pg.) – Conta a História da Ação Católica Operária, sua resistência frente à ditadura, sua expansão, método e conteúdo.
2. **Declaração de Princípios.**
3. **Regimento Interno.**
4. **Estatutos Sociais.**
Estes livrinhos ajudam a conhecer a ACO.
5. Folhetos para grupos novos, sob o título **Missão e Pedagogia da ACO.**
6. **ASSUMIR** – Boletim de formação para militantes da ACO e outros. Sai de 4 em 4 meses. Traz experiências de Base e artigos de orientação operária, política e de lutas no meio popular. A encomenda pode ser por assinatura ou número avulso.
7. **Cantando Nossa Libertação** – Cancioneiro da ACO, com 175 cânticos, dividido em 3 partes: I. Vida e luta do povo; II. Cânticos religiosos; III. Cânticos populares e folclóricos. Mais dois suplementos novos, I e II.
Há 5 fitas gravadas para ensaio dos mesmos.

Comissão Nacional de Publicações da ACO

Para pedidos:

AÇÃO CATÓLICA OPERÁRIA – ACO

Rua Van Erven, 26 – Catumbi

20211 – Rio de Janeiro – RJ Fone: (021) 242-7732